PROJETO EDUCATIVO

TRIÉNIO 2026/27 - 2028/29

I. Fundamentos:

1. O Colégio S. José - Beja nasce de uma experiência de amizade entre adultos, convictos de que a hipótese de significado da vida que encontraram no cristianismo é verdadeira, valendo, por isso, a pena passá-la às gerações dos seus filhos, para que possa ser verificada por eles e por eles desenvolvida.

2. Esta hipótese de significado, assente na certeza da dignidade infinita de cada pessoa e no reconhecimento de toda a realidade como dada ao Homem para a sua realização pessoal e comunitária, contém em si um ímpeto de positividade construtiva que no âmbito pedagógico e didático é especialmente rico e deve ser trabalhado.

3. No Colégio S. José - Beja os adultos tentam viver esta hipótese, de maneira a verificá-la continuamente e a poder propô-la criativamente à liberdade dos alunos. Os alunos são chamados a verificar essa hipótese com lealdade.

II. A comunidade educativa:

1. O Colégio S. José - Beja é constituído por todos os adultos – fundadores, diretores, professores, trabalhadores não docentes e pais – e por todos os alunos que a ele estão vinculados.

2. Uma vez que a identidade desta escola decorre da sua proposta educativa, todos os adultos são corresponsáveis pela sua vivacidade e efetividade, salvaguardada a variedade de níveis de empenhamento pessoal que o alargamento da comunidade educativa necessariamente acarreta.

3. A cada adulto cabe a responsabilidade de viver em tensão com o ideal cristão, de maneira que a liberdade de todos os alunos possa ser desafiada e fortalecida. Aquilo que os alunos veem nos adultos deve permitir a cada um deles crescer de acordo com a sua verdadeira estatura humana.

4. A cada aluno cabe a responsabilidade de corresponder à proposta dos adultos com abertura e lealdade, segundo o estado do desenvolvimento de cada um.

   No Berçário cabe às Educadoras a grande responsabilidade primária de zelar pela higiene, alimentação e segurança dos bebés, mas também de ir guiando cada um no seu desenvolvimento. Sabemos que esta fase, do primeiro ano de vida, é fundamental para a saúde e equilíbrio de todas as funções humanas. As educadoras devem ser especialmente atentas e capazes de contemplar cada criança, acolhendo os sinais que cada um dá, não só das suas necessidades primordiais, como da sua capacidade cognitiva e comunicativa e da sua personalidade. As Educadoras devem atuar com extrema delicadeza e ternura, de maneira a encorajar e estimular todas as capacidades emergentes na criança.

   Este trabalho é continuado na Creche, acompanhando o desenvolvimento e cada criança ao longo do segundo e terceiro ano de vida. Competência fundamentais como a aquisição da fala e da marcha estão relacionadas com a riqueza do trabalho de relação e estímulo que as Educadoras devem promover e assegurar. Cada criança tem um ritmo próprio de desenvolvimento e aos mesmo tempo beneficia do convívio com as outras crianças como estímulo e companhia. As Educadoras acompanham o desenvolvimento de cada criança, integrando-as num grupo de amigos, em que a estima recíproca começa a ser uma primeira experiência alargada de amor e de amizade, favorecendo o interesse por tudo o que nos rodeia e iniciando assim o caminho do conhecimento.

   A docilidade é o ênfase das aquisições relacionais do pré-escolar, já que se quer favorecer a confiança da criança nos adultos, de maneira a que cada um obedeça ao seu educador com alegria, e assim se lance nas inúmeras descobertas ao seu dispor com a confiança de quem se sabe acompanhado. É nesta fase que deve tornar-se um hábito aceitar os próprios limites como ocasião de aprendizagem, aprendendo a corrigi-los com simplicidade.

   No primeiro ciclo, a confiança de cada aluno em si próprio e nos outros deve estar incorporada, - e não ser posta em causa pelos erros próprios e alheios – de modo a surgir descontraída e firme a participação ativa nas aprendizagens, gradualmente mais autónoma e responsável, sempre a partir da abertura às propostas dos educadores.

   No segundo ciclo cada aluno é chamado a desenvolver o seu estudo pessoal, cumprindo as suas responsabilidades académicas com autonomia e prontidão. A capacidade de resposta aos vários desafios postos pelos adultos deve ser desenvolta, manifestando a maturação da originalidade de cada um, conservando-se a abertura ao adulto como a chave relacional que permite crescer numa atitude dialogante com todos.

   No terceiro ciclo as aquisições dos dois ciclos anteriores devem permanecer como a estrutura segura que permite a cada personalidade desenvolver-se. Os ímpetos vivazes desta fase devem pôr à prova e fortalecer aquelas aquisições, tornando-as cada vez mais ricas e pessoais.

As convulsões próprias da idade não devem pôr em causa o diálogo real e aberto com os educadores, que permanecem como recurso e desafio ao aprofundamento dos primeiros passos de uma posição verdadeiramente critica, isto é, de investigação sobre a verdade de cada proposta.

Entre todos os membros da comunidade educativa deve cultivar-se uma estima e um respeito exemplares, de maneira que cada pessoa se sinta ajudada na resposta às suas dificuldades e encorajada no seu trabalho e no seu desenvolvimento pessoal. A paciência, o sentido de humor, o apreço mútuo, a confiança recíproca e a exigência devem ser uma tentativa renovada cada dia por todos.

5. Entre a direção e os professores do Colégio S. José - Beja e os pais dos alunos matriculados desenvolve-se uma relação de aliança educativa, traduzida numa comunicação frequente – através de encontros gerais ou particulares – e numa procura perseverante de sintonia quanto às propostas educativas, escolar e familiar, necessariamente diversas, mas complementares.

   Esta aliança não traduz necessariamente uma concordância exaustiva sobre todos os pontos da relação, mas compromete os interlocutores num diálogo verdadeiro que possibilite o respeito e a adesão às tentativas da família e da escola de exercerem as suas respetivas responsabilidades educativas. Procura-se evitar posições de antagonismo e desconfiança de parte a parte que prejudicam o testemunho da maturidade junto dos alunos e filhos e impedem um serviço atento à sua pessoa por parte dos adultos.

6. A comunidade educativa do Colégio S. José - Beja quer ser uma comunidade aberta e participativa nos âmbitos local, nacional e internacional, cumprindo as suas responsabilidades cívicas e trabalhando para o bem comum, no diálogo aberto com todos.

   O Colégio S. José - Beja reconhece as suas responsabilidades na comunidade alargada a que pertence, como tentativa que é de participar no esforço regenerativo da sociedade. A escola deve não só manter-se atenta e aberta a todas as pessoas e instituições com que se relaciona, como procurar contribuir ativamente para o bem da cidade, do país e do mundo.

7. Na comunidade educativa do Colégio S. José - Beja é bem-vinda a diversidade das contribuições de cada membro, enriquecidas pela variedade de temperamentos, tradições, conhecimentos, competências, circunstâncias de vida que cada um traz consigo e desenvolve.

   A admissão dos alunos privilegia candidatos com uma experiência de vida rica, quer pelas suas dificuldades económicas, sociais, pessoais ou físicas, quer por terem vivido experiências particulares, por exemplo em outros países. A escola responsabiliza-se pelo esforço de integração necessário, nos âmbitos relacionais, financeiro, curricular e didático.

É diante desta variedade que cada aluno encontra estímulos suficientes para o seu crescimento. Esta variedade e a sintonia de todos os seus membros em relação aos fundamentos do Colégio fortalecem a sua estrutura comunitária em todos os seus âmbitos orgânicos. Os alunos são chamados a participar ativamente na condução do Colégio em vários âmbitos de encontro, nomeadamente nas Assembleias semanais.

III. A Razão: o primeiro âmbito da Proposta Educativa

1. Entende-se a razão como a capacidade que cada pessoa tem de conhecer a realidade em todos os seus fatores, desde as suas manifestações mais capilares até ao seu significado último.

2. O Colégio S. José - Beja pretende ser uma comunidade educativa em que os adultos testemunham um constante trabalho da sua razão no sentido de conhecerem melhor toda a realidade e o seu sentido, dedicando-se, ao mesmo tempo, seriamente, ao desenvolvimento dos seus conhecimentos na área especifica que são chamados a ensinar.

   Queremos desenvolver na escola um ambiente de aquisição de conhecimentos que permita a cada aluno penetrar e apoderar-se cada vez mais da realidade, dando-se conta da incrível correspondência entre as capacidades cognitivas humanas e o real. Entendemos por capacidades cognitivas o conjunto de competências variadas de que a razão dispõe para, diante de qualquer dado do real, material ou não, o compreender em todas as suas dimensões, mesmo que com esforço e gradualmente.

3. Cada professor é chamado a trabalhar com afinco na tentativa de transmitir a cada um dos seus alunos conhecimentos efetivos que passem a ser real património dos alunos, de maneira a serem por eles usados e desenvolvidos.

   A este trabalho – que implica arriscar uma variedade de métodos e metodologias, materiais, instrumentos e circunstâncias – chamamos didática. A didática tem por fim último contribuir para o alargamento da razão dos alunos, não só através da aquisição de conhecimentos, mas também através do desenvolvimento de competências metodológicas que permitam ao aluno adquirir outros conhecimentos, interrelacionar vários conteúdos e fazer novas descobertas.

   Para tal, os professores devem testemunhar o seu próprio conhecimento aprofundado das matérias e exigir de si próprios e de cada aluno o exercício da razão, segundo a variedade de métodos adequados aos vários objetos de conhecimento. Esta atitude surge naturalmente de uma humildade essencial, que leva a espantar-se diante do real e a desejar sempre conhecer, amando a verdade mais do que a ideia que se tem dela.

4. Cada aluno deve ser, assim, desafiado constantemente a usar a razão

para enfrentar todas as circunstâncias da sua vida, sendo o âmbito estrito de cada disciplina ocasião de aquisição de conhecimentos e métodos específicos, e de treino para cada uma das outras circunstâncias em que deve compreender a realidade.

Os nossos alunos devem sair do Colégio preparados para enfrentar a vida académica e profissional porque capazes de perguntar sobre tudo e de se dedicarem humildemente e com afinco a investigar tudo, servindo-se do universo máximo de conhecimentos sobre todas as áreas.

IV. A Experiência: Método Educativo, Pedagógico e Didático

1. Pensamos que o trabalho da razão resulta do encontro entre a pessoa e a realidade. Quando cada pessoa embate em si própria, ou em outros seres, coisas ou circunstâncias, vem-lhe o desejo de compreender o que encontra. A sua razão é posta a trabalhar, espantando-se diante daquilo que descobre, agarrando as suas características, relacionando- o com o que já conhece e comparando-o com as exigências mais essenciais do coração: o desejo de felicidade, de justiça, de verdade, de beleza. Chamamos juízo à evidência que resulta da identificação na realidade daquilo que ela tem de correspondente àqueles desejos. O juízo é verdadeiro conhecimento porque permite compreender a realidade e estabelecer com ela uma relação adequada ao que somos.

   O Colégio S. José - Beja quer lançar os alunos na experiência, favorecendo o encontro de cada pessoa com a realidade na sua máxima diversidade, sempre que possível diretamente, e, quando tal seja impossível, através dos meios indiretos mais fiéis à realidade que dão a conhecer. Só esta imersão no real pode favorecer o fervilhar ativo da razão de cada aluno.

   Ao conjunto desta imersão no real, seguida de um juízo pessoal sobre o que se encontra, chamamos experiência. É este o método que queremos seguir para educar os nossos alunos, quer se trate do ambiente geral da escola, quer do âmbito da relação na comunidade educativa, quer das estratégias didáticas.

2. Fazer experiência é um trabalho fundamentalmente pessoal. Não há ninguém nem nenhuma regra que garanta que um aluno faz verdadeiramente experiência de uma coisa. O mero embate no real não garante que se adquire experiência porque a capacidade de juízo, embora própria da natureza humana, está normalmente entorpecida ou distorcida. Por vezes a pessoa é incapaz de um verdadeiro juízo porque está presa da pressão da opinião dominante, ou dos seus instintos e emoções.

   Por outro lado, ninguém pode substituir a própria pessoa no ajuizar das suas experiências. A partir da adolescência, a imitação ou a rejeição instintiva dos juízos feitos por outros são posições insuficientes, que não respondem à necessidade que cada um tem de ser ele ou ela própria.

   Cabe ao educador, antes de mais, testemunhar a sua própria experiência de aprendizagem, com a máxima limpidez: tentando romper a couraça de indiferença e rejeição que se amontoa na consciência e no coração e

favorecer um confronto simples entre aquilo que acontece e o âmago das suas exigências humanas originais.

Na companhia aos mais novos, o educador deve encorajar e desafiar o aluno enquanto este faz, por sua vez, a sua tentativa.

O educador não pode ter qualquer pretensão quanto ao juízo que o aluno faz. Este é o risco de educar.

V. A Relação, terreno da proposta educativa

1. Cada pessoa deseja antes de mais ser amada, deseja que o seu destino seja querido e estimado gratuitamente. Os educadores do Colégio S. José - Beja são, pois, responsáveis por uma estima que abrace a pessoa de cada um dos seus alunos sem limites.

   Cada professor deve tentar ir ao encontro de cada aluno, obedecendo à sua pessoa como ela se apresenta, ainda antes de se empenhar em favorecer uma mudança que permita a cada aluno crescer verdadeiramente, superando as dificuldades no seu desenvolvimento pleno.

   Os adultos devem estar disponíveis para acompanhar os alunos de todas as formas ao seu alcance, manifestando-lhes o amor pelo humano que está na raiz de qualquer vocação educativa.

2. Os educadores devem ter consciência, no entanto, que à medida que o aluno se desenvolve, a relação resulta cada vez mais de um encontro de duas liberdades e que a relação verdadeira existe quando duas pessoas se estimam reciprocamente.

   A responsabilidade e a estima do educador pelo aluno deve respeitar a iniciativa deste último.

VI. A liberdade: fim último do Esforço Educativo

1. Através do uso da razão, da experiência e do exercício da amizade o que se quer no Colégio S. José - Beja é contribuir para a liberdade de todos os seus membros.

   A liberdade é capacidade de adesão ao ser, ao bem, à justiça, à beleza. É esta capacidade pessoal que fundamentalmente se quer ajudar a crescer em S. José, segundo o caminho sagrado que a personalidade e as circunstâncias de cada pessoa implicarem.
   O primeiro passo para que a liberdade dos alunos aumente é que os adultos sejam de facto pessoas livres, conscientes da sua dignidade infinita e da sua pertença. A liberdade consiste na realização da própria vida. Os alunos devem poder identificar nos educadores a força, a consistência e a alegria que nasce da liberdade madura. A evidência desta posição desperta na consciência de quem está a crescer um desejo de verificar na própria vida uma posição semelhante. Assim, os alunos começam o seu próprio caminho pessoal acompanhado pelos passos seguros dos mais velhos, que os encorajam e estimulam.

2. A proposta educativa tem de ser, por sua vez, adequada ao coração do homem. Cada pessoa deve perceber no Colégio S. José - Beja não uma imposição coerciva de um sistema de regras ou de pretensões de formatação, mas uma proposta razoável e adequada ao seu desenvolvimento e realização. Os alunos não podem ser exasperados por exigências fúteis e desproporcionadas, ao mesmo tempo que não devem ser abandonados à sua instintividade. As regras disciplinares são mínimas, indispensáveis e claras. O ênfase está na aventura da maturação e do conhecimento.

   A proposta educativa deve comportar o ponto de fuga da procura de significado da vida, de maneira a ser autenticamente humana e não submeter os alunos e os professores à tirania dos resultados académicos estritos ou do sucesso ordeiro e disciplinador. Aquele ponto de fuga é o que proporciona a cada pessoa a experiência da liberdade, como busca e descoberta incessante do eu. Deve, por isso, permear todos os âmbitos do ambiente escolar, desde os aspetos informais, às estratégias didáticas e aos conteúdos curriculares. Desta forma, pode-se propor convictamente aquilo que em cada momento se julga mais adequado, sem pretensão de que seja a única e perfeita possibilidade.

3. O próprio ritmo comunitário favorece a liberdade pessoal. Os sacrifícios pedidos a cada um para que possa pertencer a uma comunidade – tais como a pontualidade, a assiduidade e uma certa organização curricular – são ocasião de crescimento. Os educadores devem vigiar cada aluno para que o ritmo de todos seja verdadeiramente respeitador das necessidades pessoais.

   Fazendo experiência da pertença a uma realidade maior cada aluno cresce também na consciência que tem de si, das matérias e da vida.

VII. Divulgação e trabalho sobre o Projeto Educativo

1. O Projeto Educativo deve ser divulgado e trabalhado no âmbito da formação anual dos educadores, e apresentado aos Pais nos encontros de início de ano, de maneira a ser um instrumento de renovação contínua da vida escolar, por todos assumido e ao serviço de todos.

2. Todos os membros da comunidade educativa devem confrontar-se com o seu conteúdo e dialogar entre si sobre as respetivas implicações pedagógicas e didáticas.

NOTA: Deste mesmo documento também faz parte o Plano Curricular da Creche até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico.